

Pedro Calafate, José Eduardo Franco e Beata Elżbieta Cieszyńska

Título: *Mitos da construção da identidade nacional e emocional: uma perspectiva comparativa luso-polaca*

(PARTE III)

Beata Elżbieta Cieszyńska

Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa
das Universidades de Lisboa/
Universidade de Kazimierz Wielki

POLÓNIA E MITOS DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E EMOCIONAL

Resumo: Na Polónia, paralelamente a Portugal, nota-se o papel crucial da dimensão cristológica na construção dos mitos da sua origem, condição, destino e papel, que ao longo da história, desenvolveram o sarmatismo polaco, em alguns aspectos semelhante ao essencial do sebastianismo, sobretudo no que se refere à sua dimensão messiânica.

No campo da criação dos mitos de identificação podemos indicar paralelamente origens bíblicas (Tubal - Jafet) e a ideia de um povo originário que para os portugueses foram os Lusitanos e os Moçárabes pagãos e para os polacos foram os semitas – os Sármatos.

Segundo a mesma analogia, podemos observar o providencialismo e a assistência divina nas origens da grandeza da sua nação em relação com o destino já traçado por Deus. O milagre de Ourique e a lenda de D. Afonso Henriques, que nasceu aleijado, bem como a lenda do Bispo Negro como anúncio da Igreja Universal por parte de Portugal encontram analogia nos mitos do Piast Kolodziej, especialmente no motivo *il meso de cieli*, bem como na cegueira do Mieszko.

Apesar das diferenças geopolíticas e do percurso histórico particular, as duas nações partilham, por um lado, as tendências europeias da construção mítica de si próprias e, por outro, a necessidade de reconstruir, periodicamente, esta visão de acordo com o percurso histórico, sobretudo no declínio da perda da independência.

Palavras-chaves: mitificação das origens, sarmatismo, sebastianismo, messianismo

Title: Poland and the Myths of the construction of national and emotional identity

Abstract: Alongside with Portugal, in Poland the Christian dimension could be indicated as crucial for the construction of the myth of the origin, condition, destiny and role, that, in the course of history, sometimes shows similarity both in sarmatism and in sebastianism.

Also, the contribution of these myths to the construction of the identity has Biblical origin for both peoples (Tubal – Jafet), as well as an identification of the great tribe of origin: for the Portuguese were the Lusitanians and the pagan “Moçàrabes” and for Poles were the Semitic Sarmats.

The same analogy appears when one observes the providence and the Divine assistance to the origins of the greatness of both nations, always according to God`s predestination. The so called “Ourique miracle”, the legend of D. Afonso Henriques being born disable in Portugal, find analogy in the myths of Piast Kolodziej, particularly in the motive *il meso de cieli*, as well as in the blindness of the first Polish Prince, Mieszko.

One may notice many geopolitical differences, as well as a different historical course of both nations, however they are also sharing, on the one hand, the European tendentious for the mythical construction of themselves and, on the other hand, the necessity to reconstruct, periodically, that vision, according to the historical changes, especially, the lost of independence.

Keywords: mythification of the origin, sarmatism, sebastianism, messianism

Para o processo de construção da identidade quer de Portugal, quer da Polónia, o papel da Cristandade revela-se crucial. Criou-se e evoluiu a partir desta base o conceito das origens da nação, do papel a cumprir no plano universal, da dignidade, bem como do seu destino.

O mesmo factor é determinante no que toca às correntes culturais e filosóficas dos referidos países, adaptadas e desenvolvidas ao longo do seu percurso histórico: a sebastianista e a sarmatista. O aspecto mais importante neste contexto será a visão do futuro dos dois povos – portugueses e polacos – como a função da sua contemporaneidade e a transferência para o futuro teleologista.

Nestas deliberações será sobretudo analisado o caso da Polónia, os seus mitos de construção e identificação emocional e o sarmatismo.

O Papel da Cristandade e os Mitos da Origem

A Polónia entrou na Europa medieval, em 966, com o baptismo do Príncipe Mieszko e a sua corte. Entrando na Europa cristã, juntou-se a uma sociedade perigosa, que olhava os recém-baptizados como um alvo potencial da colonização com base na evangelização, particularmente germânica. O caminho para atingir o estatuto de reino cristão não foi simples, nem curto. O primeiro príncipe histórico, Mieszko, não conseguiu esta nobilitação. Só no ano de 1025 teve lugar a coroação do Boleslaw Chrobry e, com ela, o reconhecimento do mérito do país no palco político da Europa medieval. Neste contexto, o esforço dos cronistas e dos pensadores polacos direccionou-se para a procura da origem sagrada, das relações primárias da Polónia, ainda pagã, com a esfera *sacrum*¹.

Um dos traços da sacralização das suas fontes culturais foi a ideia das origens bíblicas dos Sármatas², povo que vivia nos territórios da Europa de Leste e Central, bem como na Ásia Ocidental nos inícios da nossa era, e com o qual se identificavam a nobreza polaca e lituana nos séculos XVI-XVIII. Segundo esta interpretação, os Sármatas, “sendo antigos Eslavos e Polacos”, descenderam do filho do patriarca Noé, o Jafet. O Mestre Wincenty, chamado Kadlubek (século XIII), e os seus seguidores fizeram remontar o principado e o reino da Polónia ao tempo dos patriarcas bíblicos. O filho do Jafet, chamado “Polach”, terá dado o nome inicial aos Polacos. Esta “antiguidade”, implementada no pensamento polaco com a sua segunda crónica, começou a ser a base sólida do orgulho nacional a partir do século XVI³.

Já as primeiras crónicas polacas, a do Gallus, chamado Anónimos, e a do Mestre Kadlubek, serviam para provar a presença de Deus na história da futura Polónia⁴. A Providência protegia a tribo dos Polacos, orientando e guardando o seu caminho para a comunidade dos grandes povos cristãos.

1 Sobre estes esforços no primeiro século da presença polaca de cidadão europeu, ver: Barański (2006)

2 A actual discussão sobre o sarmatismo polaco e suas fontes, ver o capítulo *Sarmatyzm a Barok* em (Pelc 1993), bem como (Grzybowski 1996). A base para todos os estudos e o ponto da referência continua a ser a primeira monografia sobre o assunto:(Ulewicz 2006).

3 Esta perspectiva ainda não entra na primeira crónica; o primeiro que a elabora, com base nas fontes antigas, é o cronista Kadlubek (2003:Livros I, II, III, IV) e Dlugosz (1867: 5-6). Mais sobre este percurso: Banaszkiwicz (1986).

4 Com Kadlubek, o providencialismo polaco mudou a perspectiva do povo pagão ao povo bíblico-pagão-cristão. Ver o prefácio Kadlubek (2003) e Długosz (1867:92-93). O último cronista diz que o Mieszko não podia ver com os seus olhos, mas podia ver muito mais com a mente e que atingindo aquela idade de sete anos este Príncipe muito rápido libertou a Polónia da cegueira religiosa, não ainda vista em pleno pelos contemporâneos mas óbvia da perspectiva do autor.

Havia dois motivos para esta mitificação. Da lenda do Piast Kolodziej surge o motivo *il meso de cieli*⁵. Piast era camponês livre e o futuro primeiro príncipe da dinastia dos Piastos, ainda pagão, mas já “cristão de espírito”, escolhido por Deus graças à sua grandeza, modéstia e virtude de hospitalidade. Visitam-no, durante a festa do simbólico amadurecimento do seu filho e futuro príncipe, os misteriosos anjos ou missionários⁶ que fazem o milagre de multiplicar a comida e nomeiam o príncipe, professando o grande futuro do poder cristão (Banaszkiewicz 1986).

O outro motivo era alegórico. O já mencionado Gallus descreveu a prova da chegada da Polónia ao cristianismo como inevitável e controlada por Deus, referindo-se à cegueira durante a infância de Mieszko, o mesmo príncipe que pelo seu baptismo levou a Polónia à comunidade cristã da Europa. A cegueira, que desapareceu após Mieszko ter atingido a idade simbólica de sete anos, foi uma projecção do futuro percurso da Polónia, passando da era pagã para a era cristã e missionária.

Outro caminho de construir a sua identidade era mostrar na comunidade europeia que era um povo antigo. Nas interpretações das origens, especialmente no que se refere aos Sármatas, oferecia-se a oportunidade não apenas de mostrar a sua longa história divina, como, igualmente, de responder à necessidade de ter fontes antigas e heróicas, de acordo com as tendências europeias na altura. As fontes de mitificação serviam, neste caso, para explicar historicamente a própria grandeza pelas qualidades dos antigos Sármatas, vistos como corajosos e bravos cavaleiros, nunca sendo vencidos, mas sim admirados pelos grandes Romanos. “Nós somos os próprios Sármatas”, repetia a nobreza sármata com orgulho e impressão de que isso era óbvio para todos na qualidade de viverem nas mesmas terras e de terem as mesmas características.⁷

No campo da criação dos mitos de identificação, podemos indicar paralelamente origens bíblicas (Tubal - Jafet) e a ideia de o povo ter um grande originário que para os portugueses foram os Lusitanos e Moçárabes pagãos e para os polacos os semitas – os Sármatos.

5 O livro-compêndio que elabora a história da lenda polaca é o de Banaszkiwicz (1998)

6 Gall parece optar por missionários (fazem o marco da cruz sob a cabeça do rapaz que vai ser escolhido como o grande príncipe dos Polacos); Kadlubek não tem dúvidas de que foram os anjos e é esta versão que vence (Banaszkiewicz 1998).

7 Os Sármatos não podiam dar a origem aos povos eslavos que apenas tinham chegado mais tarde para a Europa Central e do Leste (século VI) (Skowronek, Tanty, Wasilewski 2005; Handke 2002; Tyszkiewicz 1991).

Segundo a mesma analogia, podemos observar o providencialismo e assistência divina nas origens da grandeza da sua nação em relação com o destino já previsto por Deus. O milagre de Ourique e a lenda de D. Afonso Henriques que nasceu aleijado, bem como a lenda do Bispo Negro como anúncio da Igreja Universal por parte de Portugal, encontra analogia nos mitos do Piast Kolodziej, especialmente no motivo *il meso de cieli*, bem como na cegueira do Mieszko.

Em ambos os países em análise, verificou-se igualmente uma mitificação construtiva nas relações e atitudes para com os povos vizinhos. Tal como os portugueses se esforçaram para provar a sua diferença ontológica e independência de Castela, os polacos trabalharam para provar a sua independência, assim como a diferença natural e cultural dos povos germânicos e fizeram um esforço no sentido de justificar a sua origem nos povos eslavos. A Polónia também procurou construir relações com os seus vizinhos como forma de definir e explicar, através de fontes míticas, a sua posição ontológica e social perante eles. Dada a sua posição geopolítica, teve necessidade de desenvolver diferentes fracções desta mitificação. Neste campo podem distinguir-se duas bases étnicas: eslava e germânica. A primeira trouxe maior complexidade. Os fundamentos da visão mítica das suas relações com os eslavos encerravam já o mito da origem baseado na pessoa do proto-plasta da nação polaca, estando nas origens da identificação com as terras escolhidas como as suas próprias – *Lech*. Neste mito sobre o fundador do povo polaco, encontramos duas redacções significativamente diferentes da sua peregrinação para os terrenos da Europa Central e do Leste (provavelmente entre 550-650). Numa versão, a do Dlugosz, o poderoso Lech chegou com o seu único irmão, o Chech (checo) (Długosz 1867:6-9).

Nas outras versões incluindo a de Wincenty Kadlubek (Kadłubek, 2003:Livros I a IV), eram três irmãos fundadores dos eslavos nesta parte da Europa, incluindo o Rus (russo) neste grupo de iguais. Assim sendo, a escolha entre as duas opções marcou sempre a diferença ao olhar para os Russos – como “irmãos”, relativamente iguais, ou desde já sublinhando a superioridade dos descendentes de Lech sobre os Russos, os bárbaros do Leste (Borowski 2001: sarmatismo, lechiadas, messianismo).

Com menos complexidade aparecem nas obras mitográficas os vizinhos de origem germânica⁸. Neste contexto, os mais importantes foram os mitos das tribos do Sul, sobretudo “Sobre a Vanda que não gostava do Alemão” de Wincenty Kadlubek,

⁸ A complexidade das relações entre o povo polaco, os eslavos e os germanos, ver a colecção dos estudos em Kokowski (2004)

mas foi a perspectiva presente também no Norte, em relação ao mito da origem da primeira dinastia, nomeadamente em visão oposta do influenciado pelos Germanos, o cruel Popiel e do modesto e pacífico Piast (Kadlubek, Dlugosz). Estes mitos baseavam-se numa notável oposição ontológica entre os povos germânicos (ou daqueles sob a sua influência) – agressivos e destruidores – e os eslavos (e sobretudo futuros polacos) – povos pacíficos, rurais, honestos, criadores e admiradores da vida e da Natureza.

A ideia, tão forte e básica para os nossos povos, de que somos criadores dos mundos face aos conquistadores castelhanos ou perante os agressivos e destruidores germanos, também programou a história e mitificação do seu percurso.

O Presente e o Futuro nos Conceitos Messiânicos

Nos séculos XVI-XIX, nos seus grandes e também trágicos percursos históricos, ambos os povos foram forçados a construir a ideia do seu destino e papel na comunidade cristã da Europa. Em outro período, mas com o mesmo impulso, os ideólogos esforçaram-se para mostrar o mundo novo que ia ser construído no futuro por essas nações escolhidas. Entre os dois, Portugal foi o primeiro, no quadro do sebastianismo e do Quinto Império, a descobrir os conceitos do seu futuro teleologista, na criação da nova Europa e do mundo novo – o verdadeiro reino de Cristo. Em ambos os casos esta “descoberta” inspirou-se na perda da independência. A Polónia enfrentou este desastre na segunda metade do século XVIII e foram os românticos do século XIX a construir a visão do seu futuro, baseando-se de novo no conceito sármata. Os ideológicas do sarmatismo barroquiano focaram-se muito mais no presente. Embora houvesse algumas tentativas de fazer perguntas sobre o futuro no messianismo sármata, apenas na sua versão romântica é que a construção desse futuro se tornou a questão de sobrevivência da nação polaca.

O messianismo sármata

Os cronistas e mitógrafos do Renascimento e do Barroco (Marcin Bielski *Kronika wszystkiego swiata*; Marcin Miechowita, Szymon Starowolski, e sobretudo o xenófobo Wojciech Debolecki) seguiram a mitificação das origens dos Polacos e dos Lituanos na época medieval (Gall Anonim, Wincenty chamado Kadlubek, Dlugosz, Janko z Czarnkowa). Desenvolvendo essas ideias, chegaram por fim à formação cultural chamada sarmatismo, nascida no século XVI e desenvolvida nos séculos XVII e XVIII. Dentro desta formação existia a ideologia sármata, baseada no mito das origens ligado à absolutização do divino sistema político e da missão particular e única da Polónia na

crisandade. Nesta base desenvolveram-se os dois messianismos polacos: o do sarmatismo e, mais tarde, o do romantismo.

No fim do século XVI, o sarmatismo começou a ser a ideologia da nobreza média, na altura em grande desenvolvimento em termos de poder, que levou o país ao sistema da monarquia democrática⁹. O sistema político desta Polónia, chamada Rzeczpospolita (República) das duas Nações (Polónia e Lituânia), caracterizou-se pela ideia da igualdade da nobreza (no início aberta também para receber os melhores nobilitados das camadas mais baixas da sociedade) livre (“liberdade livre”), com direito de votar individualmente e o peso de impedir aceitação de uma lei por uma voz contra o *liberum veto*.¹⁰

Outra característica desta Polónia seria a eleição livre dos monarcas, muito limitados pelas promessas e garantias da preservação da liberdade da nobreza, chamadas *Pacta conventa*.

O catolicismo passou a ser a religião dominante, com relativa tolerância (até à metade do século XVII). A nobreza, portadora das liberdades, teve direito a escolher a denominação. No quadro do cristianismo, o país foi marcado pela ideia de ser *antemurale* da crisandade¹¹ e o apóstolo das nações. Uma marca importante desta cultura sarmata seria também a convicção da excepcionalidade do sistema político, que não precisa das mudanças e do desenvolvimento por serem considerados pecados¹².

Na primeira fase de desenvolvimento do sarmatismo, no último quarto do século XVI e nos inícios do século XVII, o mito sarmata servia para explicar a excepcionalidade e idealização da sua condição de cavaleiros, bem como para revelar o destino dos defensores da crisandade, *antemurale* ou até Jerusalém nova (Jerusalém

9 A direcção pode ser definida como desenvolvimento dos mitos, hiperbolização dos mitos da sua grandeza e excepcionalidade por mais que fosse limitado o poder deste grupo em favor de oligarquia e por mais que progredisse a degeneração do sistema, as mudanças dos mitos da nobreza média polaca no espaço de séculos XVI-XVII-XVIII. (Prefácio em Gruchala e Grzeszczuk 1989). A direcção pode ser definida como desenvolvimento dos mitos, hiperbolização dos mitos da sua grandeza e excepcionalidade por mais que fosse limitado o poder deste grupo em favor de oligarquia e por mais que progredisse a degeneração do sistema.

10 A primeira vez que a lei de *liberum veto* foi realizada causou grande consternação, mas até ao fim do século XVII, a prática já estava “bem interiorizada” (Tazbir 1998).

11 O nome apareceu inicialmente usado pelo nuncio do Papa no momento da derrota na batalha de Varna com os Turcos em 1444, onde supostamente morreu o rei Wladyslaw chamado depois da morte Varnense.

12 Esta ideologia de pecadores que precisam de ser periodicamente castigados foi especialmente desenvolvida desde o chamado “Dilúvio sueco” (1655-60), começado com a grande derrota que foi ultrapassada na fase de defesa de Jasna Gora, o convento católico em Czestochowa. O mito da excepcionalidade desenvolveu-se na base de dois textos, a relação do Padre Augustyn Kordecki, o real general-defensor conventual de Czestochowa, bem como o poema *Oblezenie Jasnej Gory Czestochowskiej* de Anónimo. Mas com esta guerra também se iniciou o declínio da Polónia sarmata, (Otwinowska e Pelc, Falęcka 1992).

também foi chamada o *antemurale* na Vulgata). Esta visão foi o mito complementar desenvolvido, explicando e justificando a democracia polaca como a fase final da evolução dos povos, o sistema beatificado por Deus com grande paz e poder.

Foi, portanto, justificada com base na posição geopolítica e nas condições históricas, a ideia de os Polacos e os Lituanos serem defensores da cristandade e da Europa no sentido religioso, político e cultural. A Polónia defenderia, segundo esta concepção, a Europa contra os bárbaros: pagãos, hereges, cismáticos (ortodoxos) que representavam, ao mesmo tempo, os despotismos do Leste.

A partir desta dimensão do sarmatismo, visto como a ideologia da nobreza polaca, apareceu também a ideia da Polónia como o país primogénito e paradisíaco. No tempo do desenvolvimento da ideologia sármata, existiam diferentes teorias para explicar esta identificação. Uma das mais importantes foi a teoria linguística, elaborada na obra franciscana de Wojciech Dembolecki que defendia a ideia da origem da língua e cultura polacas como as mais antigas e predominantes entre todas, de origem sagrada, pois resultaria de conversas de Adão no Paraíso. Nesta base também se justificava o direito da Polónia reinar sobre a “Ásia, a Europa e África inteiras” (Tazbir 1987). Apesar do seu xenofobismo óbvio, a teoria inspirou a mistificação do país como escolhido e predestinado para defender e dar o exemplo a todas as outras nações, governado até directamente por Nossa Senhora e por Deus. Neste contexto, a Polónia realizou o modelo de poder paradisíaco, único e sagrado – monarquia parlamentar, república de todos os nobres.

Esta visão da sua grandeza e excepcionalidade foi marcada sobretudo pela grande vitória sobre os Turcos em Viena, em 1683. Na literatura produzida em torno desta batalha – batalha vista como a vitória dos poucos e só dirigidos por Deus – sublinhava-se a defesa de todos os outros povos, a precisarem de ser protegidos por uma grande nação de cavalheiros cristãos e heróis (Obremski 1995).

Entre os ideólogos deste papel da Polónia encontram-se: Stanislaw Orzechowski, Fabian Birkowski, Wacław Potocki, e, sobretudo, Wespazjan Kochowski. Este último mostrou a excepcionalidade dos Sármatas usando a estilística bíblica e sálmica. Nas duas obras, sobretudo na *Salmodia polaca*, aparece a Polónia como o segundo Israel, bem sucedido e “realizado”. O poema confirmava a ideia de que “o que Deus prometeu aos Israelitas, realizou na história da Polónia”. Assim sendo, os Polacos, mesmo os pecadores – o castigo explicava bem as derrotas que os Polacos sofriam nas

guerras do século XVII – nunca deixaram de ser o povo escolhido para a grande vitória da cristandade e para guia dos outros povos e apóstolo das nações.

O momento culminante no percurso messiânico da sua fase sarmatista foi o fim do século XVII, na sequência da vitória de Viena, da paz e da relevante prosperidade que marcaram os últimos anos do reinado de João III Sobieski (até 1695). Em busca da forma de revelar a sua grandeza no género de epopeia, os Polacos, apesar das muitas tentativas, falharam.

O papel da epopeia polaca, expressando os objectivos e a missão dos Sármatas, cumpriu-o o poema adaptado, *Gerusalemme liberata* de Torquato Tasso, traduzido e aproximado à mentalidade polaca por Piotr Kochanowski em 1618. Os Polacos identificaram-se com o seu protagonista, Gofred, e colocaram neste campo a sua missão de defensores da cristandade e dos cavaleiros divinos (Borowski 2001: Lechiadas)¹³.

O messianismo sármata baseava-se, de facto, no presente, no sentido da protecção divina “bem justificada” do modelo político do país, do seu papel do *antemurale* e do apóstolo das nações.

Nota-se uma evolução em vista do seu ideal próprio. Nos séculos XVI e XVII, a excepcionalidade da Polónia, a nação escolhida por Deus, foi encarada como o ponto de chegada ao mesmo tempo religioso e político. A ideia do *antemurale* misturava-se com o sistema republicano e as famosas “liberdade e virtude douradas”. No entanto, no século XVIII, dada a grande crise política e a ruína da Polónia, a base da grandeza da Polónia começou a ganhar apenas um significado: Catolicismo¹⁴. Na segunda fase do sarmatismo, o sistema da eleição livre e do famoso *liberum veto* tornou-se arcaico e perdeu a mobilidade, logo substituído pela oligarquia magnata. Alguma inconveniência de explicação, como o chamado país ideal podia sofrer tantas derrotas, foi ultrapassada pela mudança de qualificação da sua grandeza. O caminho foi o esforço de unificação da identidade polaca com o catolicismo. Gradualmente, o mito do “polaco-católico” chegou a ser a compensação da perda da paz, da degeneração do sistema democrático e da fraqueza do império polaco na primeira metade do século XVIII. Defender a Polónia

13 A própria epopeia polaca foi preparada no romantismo por Adam Mickiewicz, enquanto várias tentativas mais antigas, como, por exemplo, a *Lechiada* de Maciej Kazimierz Sarbiewski ou as de Samuel de Skrzypany Twardowski não foram concluídas fisicamente ou não ganharam a fama suficiente.

14 Este processo foi associado com a perda da proverbial tolerância polaca perante os protestantes, começando com a expulsão dos chamados arianos, “Irmãos polacos” em 1658. Na base do processo de Contra-Reforma, estas revalorizações da liberdade de denominação, que antes fora garantida pela actas de chamada Confederação de Varsóvia (1573) foram feitas pelos Jesuítas. Um dos passos neste caminho foi o “Dilúvio sueco” que inspirou os protestantes perseguidos a contar com o apoio de Carolus Gustavos X da Suécia na sua invasão da Polónia (Tazbir 2000).

começou a significar o mesmo que defender a verdadeira fé. Começaram as perseguições aos “outros”, particularmente aos protestantes, já não enquadrados nesta curta “polonidade”. No entanto, este “relevo” não produziu a salvação. Pelo contrário: a perseguição dos protestantes só abriu as portas às ingerências estrangeiras (Rússia).

Apesar da campanha iluminista, que se esforçava para desenvolver o sistema político, desistindo da sua organização anacrônica, da missão e da constante idealização da sua condição e que mostrava que o modelo da Polónia não foi eternamente celestial, mas sim efêmero e necessitando de reformas, o país foi afinado com a ingerência dos impérios absolutistas no fim deste século¹⁵. A Polónia mostrou-se arcaica, dividida e indefesa perante os três vizinhos: a Rússia, a Prússia e a Áustria. As divisões chegaram em três passos e em 1795 o país desapareceu do mapa da Europa até 1918.

Na fase seguinte, entre o Iluminismo e o Romantismo, o seu grande papel cumpriu o sentimentalismo que foi dedicado na altura, na Polónia, à reconstrução da memória nacional, ao reviver a tragédia nacional, como podia ser visto no famoso Templo da Sybilla, em Pulawy, da poderosa família Czartoryski, um dos primeiros museus da antiguidade polaca¹⁶.

Deste modo, estava preparado terreno para os românticos que, atravessando a fase inicial da crítica do sarmatismo (nos anos 20 do século XIX), parecida com o racionalismo de tipo iluminista, começaram de novo, mas com uma nova base, a reedificar o antigo sistema político, social e religioso da Polónia sármata (Waśko 1995: Capítulos II, III).

O messianismo romântico

Foram os românticos que, em termos da grande urgência historiosófica e baseando-se na sua “Filosofia da marcha universal do espírito”, trouxeram ao círculo dos messianismos polacos a questão verdadeira do Futuro. A sua preocupação foi o de realçar o papel da Polónia no caminho para reconquistar a independência, assim como na realização do seu papel divino entre os povos da Europa. O messianismo romântico voltava ao sarmatista, aos mitos das origens e ao grande papel a desempenhar da

15 A acta crucial nesta tentativa de ultrapassar a crise foi a celebração da primeira Constituição chamada do dia 3 de Maio de 1791. Entretanto já era demasiado tarde; a ingerência estrangeira, especialmente por parte da Rússia, ultrapassou todos os limites; os conservadores fundaram a confederação contra esta constituição chamada Targowica que seguia a terceira e última divisão da Polónia em 1795.

16 O grande papel do sentimentalismo na fase preparatória do romantismo e do messianismo polacos a esta ainda a ser revelado (Aleksandrowicz 1998)

Polónia, não apenas no caminho para a independência, mas também como o grande “reformador” e defensor da Europa e das suas nações.

A pátria sacralizada ganha, no discurso dos românticos, o nome de “Cristo das nações” que, como anteriormente na batalha de Viena, dedica o sofrimento e a sua solidão à luta pela libertação dos povos oprimidos, ao caminho espiritual, à grande salvação e união das nações. Esta Europa unida e sagrada seria a nação universal e “polaca” no sentido ideológico.

O mito, sendo obviamente de compensação, teve o poder de explicar e aliviar a culpa pelas duas derrotas das insurreições polacas (1830-31 e 1863-4). A componente mais importante deste mito foi, uma vez mais, a ideia da analogia entre Israel e a Polónia – o novo Israel, escolhido para unir as nações. Esta visão da sua missão político-religiosa foi elaborada pelo maior poeta do romantismo polaco Adam Mickiewicz, particularmente nos *Livros da nação e da peregrinação polaca*, escritos durante a fase tardia (“tovianista”) do seu messianismo.

Um caminho natural para o messianismo romântico foi a idealização da imagem da Polónia sarmática, a Polónia da nobreza com a sua grande dedicação à liberdade e à luta contra os despotismos. Neste sentido, a ideologia da nobreza sármata entrou na ideologia da Polónia romântica, uma Polónia não existente, mas viva na memória e na esperança dos Polacos, e tornou-se no símbolo do polaco, um homem novo na sua marcha em direcção ao espírito, durante a qual parou apenas por um momento (divisões).

As palavras-chave da versão romântica da nobreza sármata foram **liberdade** e **individualidade**, vistas como a dedicação absoluta dos antigos Polacos à vida política e religiosa. *Os livros...* de Mickiewicz, interpretando o futuro da Europa, mostram que as liberdades da antiga nobreza polaca oferecem um padrão para estas que iriam reinar no tempo da liberdade dos povos: “A liberdade onde todos, tanto os mais pobres como os mais ricos, se chamam irmãos, nunca existiu mas vai existir mais tarde” (Mickiewicz 1975: VI.15)

A convicção de que a Europa e a sua degenerada cultura vão seguir o exemplo da Polónia divina baseava-se na prática interpretativa e na visão historiosófica, à qual Zofia Stefanowska chamou “relação figurativa” (Stefanowska 1962: 16-93). Nesta opção de certa transfiguração do passado ao futuro, um facto introduz outro, o do futuro. Neste

sentido, tanto os factos da história da Polónia antiga, da Polónia vencida e em declínio, como os factos do futuro entraram no grande plano da Providência, na história sagrada.

Nesta perspectiva, a morte e ressurreição de Cristo são prefiguração da ressurreição da Polónia, neste momento morta, mas só ilusoriamente; as antigas cruzadas prefiguram a inevitável guerra pela liberdade dos povos com o papel decisivo dos Polacos como lutadores “pela liberdades nossa e vossa”; a união polaco-lituana (1569) introduz a grande união dos povos europeus no futuro feita com base no sistema polaco.

Assim sendo, o modelo político da Polónia sármata recebe a confirmação de ser divino e a missão da Polónia foi sempre a de **promover** a Liberdade. Este sistema político divino estaria ligado ao religioso e social, uma vez que os românticos da primeira geração introduziram anacronicamente a nova imagem da nobreza polaca, a nobreza com a qual seriam marcados todos os cristãos e não apenas os da nobreza social. O nome da condição da nobreza em polaco: “Szlachectwo” (nobilidade, condição de ser nobre) passou a ser o simbólico “baptismo da liberdade” de todos (Mickiewicz 1975:VI, 16).

A qualificação espiritual desta nobreza baseava-se na visão do inevitável amadurecimento da Polónia. Os Polacos revelaram-se predestinados a mostrar à Europa dos absolutismos do século XIX o que significa ser livre, libertando-a com a “liberdade dourada” que eles próprios receberam de Deus. As palestras de Paris (*Prelekcje paryskie*) de Mickiewicz sublinharam a moralidade do antigo sistema e sua religiosidade maximalista. Até o famoso *Liberum veto* ganhou a interpretação de ser a única opção divina no mundo para evitar desistir de uma parte da sua independência, oportunidade que não se encontra em nenhum outro sistema de poder no mundo, apenas existente na igreja católica, durante a conclave. Mickiewicz professou: “Responsabilidade individual, maximalismo do envolvimento na política e percurso do país como a regra para a futura união” (Mickiewicz 1998: X, 62-5).

Igualmente divina foi proclamada a eleição livre dos reis, vista como uma ingerência directa de Deus agindo pelos deputados absolutamente dedicados ao processo de eleição. Segundo esta interpretação, as eleições polacas foram interpretadas como um acto sempre profundamente religioso, a ingerência directa do Espírito Santo ((Mickiewicz 1998: X, 40).

Do ponto de vista do messianismo romântico, tudo isto apontava para o facto de a Aliança da “República das duas nações” e do Reino Celestial serem misteriosos e profundamente sagrados. O único pecado (como adicionou Juliusz Slowacki em “Genesis z ducha”) que levou às divisões foi que, neste caminho espiritual, a nobreza polaca tinha parado. No entanto, do ponto de vista dos românticos e, de facto, da perspectiva desejável, já inevitavelmente recomeçou a sua marcha em direcção ao grande Futuro de todos os povos.

A mitificação e nobilitação das características da Polónia sárмата como nação dos “Republicanos de espírito”, difícil de aceitar em termos racionais, tiveram ainda uma base cultural: a desilusão dos românticos acerca da Europa Ocidental. A Polónia mítica, nos anos 30 e 40 do século XIX, chegou a ser sacralizada também por ter sido rural. Esta óptica apareceu na primeira geração dos grandes românticos polacos, de origem nobre, os quais emigraram na sua quase totalidade. Tendo previamente certos complexos perante a Europa, os românticos-emigrantes, observando a pobreza e degeneração do chamado Ocidente que julgavam “avançado”, começaram a condená-lo. Mesmo que soubessem que, de facto, a Polónia rural e arcaica tivesse perdido na concorrência com esta Europa “moderna”, chegaram à conclusão que apenas o caminho da Polónia teria sido o da dignidade para a Europa inteira. Esta dignidade incluiu ser bucólico, arcaico e rural no sentido do desenvolvimento industrial.

No contexto da História sagrada do Romantismo, todas as características da Polónia sárмата teriam uma nova explicação religiosa e espiritual. O presente e estático modelo da Polónia no messianismo sárмата, o modelo da Polónia que já tinha atingido o seu ponto divino e ideal, no messianismo romântico passou a ser o dinâmico Futuro, inevitável na marcha do espírito de si próprios e de todos.

Em ambos os povos nota-se, então, o papel crucial da dimensão cristológica na construção dos mitos da sua origem, da sua condição, do destino e papel. Apesar das diferenças geopolíticas e no percurso histórico particular, ambas as nações partilharam, por um lado, as tendências europeias da construção mítica de si próprios e, por outro, a necessidade de reconstruir, periodicamente, esta visão de acordo com o percurso histórico, sobretudo no declínio da perda da independência.

Bibliografia

- BANASZKIEWICZ, Jacek (1986) *Podanie o Piaście i Popielu: studium porównawcze nad wczesnośredniowiecznymi tradycjami dynastycznymi*. Warszawa, Państw. Wydaw. Naukowe.
- BANASZKIEWICZ, Jacek (1998) *Polskie dzieje bajeczne Mistrza Wincentego Kadłubka*, Wrocław, FNP.
- BARANSKI, Marek Kazimierz (2006) *Dynastia Piastów w Polsce*. Warszawa, Wydawnictwo Naukowe PWN.
- BOROWSKI, Andrzej, Ed. *Słownik sarmatyzmu: idee, pojęcia, symbole* (2001). Kraków, Wydaw. Literackie.
- DŁUGOSZ, Jan (1867) *Dzieła Wszystkie*, Ed. Alexander Przezdziecki, Trad. Melchior Mecherzyński, Vol. II; V. 1. Kraków.
- GRUCHAŁA, Edward e GRZESZCZUK, Stanisław, Ed. (1989) *Staropolska poezja ziemianska. Antologia*. Warszawa, PIW.
- GRZYBOWSKI, Stanisław (1996) *Sarmatyzm*. Warszawa, KAW.
- HANDKE Kwiryna, Ed. (2002). *Słowianie, Słowiańszczyzna – pojęcia i rzeczywistość dawniej i dziś: zbiór studiów* Warszawa, Słowistyczny Ośrodek Wydawniczy.
- KADŁUBEK, Mistrz Wincenty (2003) *Kronika polska (Chronica Polonorum)*. Trad. Brygida Kürbis. Wrocław, Zakład Narodowy im. Ossolińskich – Warszawa, De Agostini Polska.
- MICKIEWICZ, Adam (1975) *Księgi narodu i pielgrzymstwa polskiego*. In *Dzieła wierszem*. Warszawa PIW.
- MICKIEWICZ, Adam (1998) *Dzieła*, Vol. IX, X. Warszawa, PIW.
- OBREMSKI, Krzysztof (1995) *Psalmodia polska. Trzy studia nad poematem*. Toruń, Uniwersytet Mikołaja Kopernika.

OTWINOWSKA, Barbara e PELC, Janusz, coord., em cooperação com Barbara Falęcka, *Literatura i kultura polska po "Potopie"* (1992). Wrocław, Zakład Narodowy im. Ossolińskich.

PELC, Janusz (1993) *Barok – epoka przeciwieństw*. Warszawa, Czytelnik.

Sarmaci i Germanie (2004) Ed. Andrzej Kokowski, Lublin: Wydaw. UMCS.

SIKORSKI, Jerzy, TANTY Mieczysław, WASILEWSKI, Tadeusz (2005) *Słowianie południowi i zachodni VI-XX wieki*. Warszawa, Książka i Wiedza.

STEFANOWSKA, Zofia (1962) *Historia i Profecja: studium o Księgach narodu i pielgrzymstwa polskiego Adama Mickiewicza*. Warszawa, PIW.

TAZBIR, Janusz (1987) *Polskie przedmurze chrześcijańskiej Europy: mity a rzeczywistość historyczna*. Warszawa, "Interpress".

TAZBIR, Janusz (1998) *Kultura szlachecka w Polsce: rozkwit, upadek, relikty*. Poznań, Wydaw. Poznańskie.

TAZBIR, Janusz (2000) *Panstwo bez stosów i inne szkice*. Kraków, Towarzystwo Autorów i Wydawców Prac Naukowych "Universitas".

TYSZKIEWICZ, Lech A. (1991) *Słowianie w historiografii antycznej*. Wrocław, Wydawnictwo Uniwersytetu Wrocławskiego.

ULEWICZ, Tadeusz (2006) *Sarmacja: studium z problematyki słowiańskiej XV i XVI w. Zagadnienie sarmatyzmu w kulturze i literaturze polskiej: (problematyka ogólna i zarys historyczny)*. Kraków, Collegium Columbinum.

WAŚKO, Andrzej (1995) *Romantyczny sarmatyzm: tradycja szlachecka w literaturze polskiej lat 1831-1864*. Kraków, Arcana.